

O Grande Banquete

O pano de fundo para a parábola do grande banquete contada por Jesus é a refeição do Sábado, quando Ele estava na casa de um proeminente fariseu. Durante a refeição, deu algumas instruções sobre os convites para banquetes, ressaltando que não se deveria limitar a lista de convidados aos que poderiam, reciprocamente, convidar o anfitrião para uma refeição. Ele disse:

Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos, e serás bem-aventurado. Embora eles não tenham com que te recompensar, recompensado serás na ressurreição dos justos. (Lucas 14:13-14)

Ao ouvir isso, alguém à mesa respondeu:

“Bem-aventurado o que comer pão no reino de Deus!” (Lucas 14:15)



Ao dizer isso, a pessoa deu oportunidade para Jesus explicar como Ele via o que era conhecido como “o banquete messiânico” — como denominavam os judeus o que aconteceria no Tempo do Fim.

O Livro de Isaías fala desse banquete:

Neste monte o Senhor dos Exércitos preparará um farto banquete para todos os povos, um banquete de vinho envelhecido, com carnes suculentas e o melhor vinho. Neste monte ele destruirá o véu



que envolve todos os povos, a cortina que cobre todas as nações destruirá a morte para sempre. O Soberano, o Senhor, enxugará as lágrimas de todo rosto e retirará de toda a terra a zombaria do seu povo. Foi o Senhor quem o disse! (Isaías 25:6-8)

Embora essa passagem se refira a um banquete do qual participam todos os povos, no qual todas as lágrimas serão enxugadas, à época de Jesus, o entendimento que prevalecia entre os judeus era que esses versículos não diziam respeito aos gentios (os não judeus). Jesus, contudo, propunha uma interpretação diversa de quem se sentaria à “mesa messiânica”. Em vez do discurso esperado que condicionava o privilégio à observância da Lei Mosaica, Jesus lhes contou uma história.



Certo homem estava preparando um grande banquete e convidou muitas pessoas. Na hora de começar, enviou seu servo para dizer aos que haviam sido convidados: “Venham, pois tudo já está pronto”. Mas eles começaram, um por um, a apresentar desculpas.

O primeiro disse: “Acabei de comprar uma propriedade, e preciso ir vê-la. Por favor, desculpe-me”. Outro disse: “Acabei de comprar cinco juntas de bois e estou indo experimentá-las. Por favor, desculpe-me”. Ainda outro disse: “Acabo de me casar, por isso não posso ir”. (Lucas 14:16-20)

Naqueles dias, quem oferecia um banquete fazia um convite inicial no qual informava o dia do evento. Os convidados que confirmassem presença assumiam o compromisso de comparecer no dia e local combinados.

Os que ouviam o relato entenderam prontamente que a recusa era um insulto deliberado ao anfitrião, para constrangê-lo publicamente aos olhos de toda a aldeia. As desculpas oferecidas eram esfarrapadas e inaceitáveis.

A primeira foi: *Acabei de comprar uma propriedade, e preciso ir vê-la. Por favor, desculpe-me.*” Os que ouviam a parábola sabiam que aquela é uma mentira cabeluda. Ninguém na época comprava uma propriedade que não havia visto.



Outro convidado explica não poder ir *por haver comprado cinco juntas de bois, as quais deveria examinar*. O argumento é igualmente infundado. Antes de adquirir uma junta de bois, o comprador iria à terra do vendedor, colocava os animais sob o jugo e arar um pouco com eles. Era preciso testar a força dos animais e verificar se trabalhariam juntos antes de os comprar.

O terceiro convidado diz que, por haver se casado, não poderia comparecer. Ele está dizendo ao homem que o convidara que, apesar de o banquete ser no fim da tarde e, por isso, só estaria longe de casa por



algumas horas para então voltar para os braços de sua esposa, ele não iria, pois dava prioridade a outras atividades. Esse sequer pede desculpas, mas apenas comunica que não irá, algo extremamente rude e ofensivo.

O início da parábola nos diz que muitos foram convidados ao banquete e que todos à uma começaram a escusar-se. Os três que se recusaram a ir ao banquete eram personas e os ouvintes originais entendiam que os demais que também haviam se comprometido a participar do evento igualmente deram desculpas para não honrarem seu compromisso.

Quando o mestre da casa reconheceu que seus convidados queriam envergonhá-lo e humilhá-lo, justificadamente encolerizou-se. Sob essas circunstâncias, a reação esperada variava de insultos verbais a ameaças de punição contra os que atacaram sua honra em público. Entretanto, apesar de irado, sua reação foi bondosa e não vingativa.

O servo voltou e relatou isso ao seu senhor. Então o dono da casa irou-se e ordenou ao seu servo: "Vá rapidamente para as ruas e becos da cidade e traga os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos".

Disse o servo: "O que o senhor ordenou foi feito, e ainda há lugar". Então o senhor disse ao servo: "Vá pelos caminhos e valados e obrigue-os a entrar, para que a minha casa fique cheia. Eu lhes digo: Nenhum daqueles que foram convidados provará do meu banquete".
(Lucas 14:22-24)

O mestre da casa decide convidar os que jamais poderiam devolver o favor: os pobres, os mutilados, os cegos e os aleijados. Ao estruturar dessa forma a parábola, Jesus remete aos excluídos de Israel, as pessoas comuns que com alegria recebiam Sua mensagem.



Feito isso, o servo explica ao anfitrião que ainda há lugar à mesa. O senhor então o instrui a ir além dos limites da aldeia e encontrar pessoas que não pertencessem à comunidade e as compelissem a vir ao banquete.

A ideia aqui não é forçar ninguém a participar do banquete, mas, a norma social rezava que as pessoas não pertencentes à comunidade declinassem o convite, especialmente se fossem de status socioeconômico inferior ao do anfitrião. Não eram parentes ou sequer vizinhos do mestre da casa, mas gente de fora, que jamais poderiam repagar o favor e, por isso, a convenção era que negassem o convite. Sabedor disso, o servo deve trazer pelo braço um a um, guiando-o gentilmente, em demonstração de que o convite era genuíno.

A última frase da parábola, *Eu lhes digo: Nenhum daqueles que foram convidados provará do meu banquete*, pode ter sido direcionada aos fariseus com os quais Jesus comia e não parte da parábola. O pronome “lhes”, em “Eu lhes digo” expressa o plural. Na parábola, o mestre da casa estava previamente falando ao servo e se a última fala fosse dirigida a ele, o pronome estaria no singular. Por isso, muitos comentadores concordam que Jesus direcionou a última frase aos que comiam com Ele.



A pergunta que a parábola oferece é: quem participará do banquete? A ela, Jesus oferece uma resposta inesperada. O entendimento típico era que todo nascido de mãe judia era automaticamente um participante do “banquete messiânico”, um direito inerente pelo fato de ser judeu. Jesus apontava para a grande probabilidade de que os que tinham certeza de que estariam no banquete do tempo do fim não participarem do evento. Na verdade, estar ou não no banquete está condicionado à resposta de cada um ao convite de Deus.

Jesus ensinou esse conceito ao longo dos Evangelhos. Ele disse:

Eu vos digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó, no reino dos céus. Mas os filhos do reino serão lançados fora, nas trevas. (Mateus 8:11-12)

Muitos têm certeza de que estarão lá, achando que têm as crenças certas, pertencem ao grupo certo, fazem obras de caridade e contam com boa reputação junto aos demais. Entretanto, Jesus ensinou nessa parábola e em outras passagens que essas pessoas não necessariamente estarão lá, enquanto que muitos que nem se imaginam nesse evento, estarão à mesa do Messias. Não somos nós quem determinamos as condições para participar do banquete. Devemos aceitar os termos do convite e comparecer. O convite é para todos, incluindo os segregados pela sociedade e aqueles com os quais não nos sentimos confortáveis.

A mensagem do reino é a graça. Não há nada que se possa fazer para merecer o convite ao banquete. Simplesmente devemos aceitar o convite que nos é feito. É pela graça que somos salvos. Cada um deve tomar a decisão de receber essa graça e se quer vir ou não à festa.



www.freekidstories.org